

## ÉTICA, RAZÃO E PSICANÁLISE

José Renato Polli<sup>1</sup>

*“Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento.”*  
**(Clarice Lispector)**

### RESUMO

*O presente artigo procura discutir os conceitos de ética e razão a partir da teoria da psicanálise e analisar os desdobramentos da compreensão que temos sobre esses conceitos.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética, razão, psicanálise.

### ABSTRACT

*This article tries to discuss the concepts of Ethics and Reason, coming from the theory of Psychoanalysis and to analyze the unfolding of the comprehension we have of these concepts.*

**KEY WORDS:** Ethics, Reason, Psychoanalysis.

Tendo participado recentemente de um curso de práticas clínicas em psicanálise na Associação Livre de Piracicaba, interessei-me pelo debate acerca do status que a teoria psicanalítica tem adquirido nas querelas sobre a racionalidade construídas pelos filósofos da pós-modernidade contra as proposições de Habermas, autor que é objeto de estudo em minha tese de doutoramento.

Desde os anos 80, Habermas tem proposto o resgate da racionalidade original do iluminismo, obscurecida que esteve pela instrumentalização capitalista. O modelo de racionalidade vigente estaria limitando o papel da comunicação nas construções racionais acerca do mundo e seus problemas, estabelecendo uma visão unilateral sobre a experiência humana, reduzida aos interesses do domínio e da exploração capitalista. O filósofo alemão propõe um outro modelo de racionalidade, que ele chama de razão comunicativa, visando a estabelecer consensos entre pares que se comunicam na sinceridade de proposições. O discurso ético estaria inserido nesta construção coletiva da razão e seria resultado de um consenso que estabeleceria padrões mínimos universais de valores.

Os filósofos da chamada pós-modernidade e algumas linhas da teoria psicanalítica que comungam de suas proposições, não estariam vendo perspectivas para superar o desmonte da racionalidade pelo capitalismo, não haveria nada por fazer, a não ser a busca de entendimento do universo pessoal da experiência. Na

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia e Pedagogia, Mestre em História Social (PUC-SP) e doutorando em Educação – Filosofia da Educação (Faculdade de Educação da USP). Professor das Faculdades Padre Anchieta.

psicanálise, algumas leituras estariam propondo uma certa dificuldade em estabelecer um discurso racional universalmente válido, visto que a singularidade subjetiva do discurso não seria passível de comunicação.

Habermas, ao contrário, propõe um intersubjetividade do conhecimento, criticando o irracionalismo da modernidade, engendrado no capitalismo, bem como o irracionalismo das proposituras ditas pós-modernas. Nas interpretações dos teóricos da psicanálise, quase sempre está presente uma defesa da teoria do inconsciente, invenção freudiana que tem servido como referencial de leitura sobre a experiência humana e que é bastante valorizada por Habermas. O que parece é que tais teóricos não percebem que ainda se valem de uma racionalidade de espírito iluminista, um metarrelato, para justamente criticar a possibilidade de um metarrelato universal. Não devemos desconsiderar, no entanto, a singularidade das transformações ocorridas no processo de entendimento sobre o conhecimento humano. Entre as mudanças mais significativas destaco o peso da compreensão hermenêutica sobre as ciências, que passaram a deixar o altar em que foram colocadas, patamares da excelência do conhecimento. Isso não deve significar abrir mão, no entanto, da possibilidade da universalização de saberes validados racionalmente pelo discurso intersubjetivo consensuado.

É fato que há muito tempo temos buscado atribuir significados à nossa experiência. Muitas foram também as maneiras imaginadas para nos auxiliar no entendimento sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca. Do ponto de vista ético, poderíamos nos indagar sobre qual o caminho possível para o entendimento sobre o modo como temos construído nossas relações com os outros e com a vida de forma mais abrangente. Defendo a existência da possibilidade da comunicação efetiva entre pares, a despeito de uma força “imanente” em nossa condição, uma certa pulsão de morte, uma irracionalidade ética e uma unilateralidade de posições que temos verificado contemporaneamente.

BOFF (2000) nos diz que: “Concretamente, para além de qualquer interpretação ulterior, o ser humano se descobre como um nó de relações voltado para todas as direções - citando A. de Saint-Exupéry. Sua essência reside na capacidade de relação, ilimitada, indefinida, sempre aberta. Esta capacidade de relação, quando considerada a partir da subjetividade, emerge como uma força vital sempre desperta. Chamem-na de libido, Eros ou princípio-esperança ou kundalini (a força da serpente cósmica, em sânscrito), ou karma-carisma, pouco importa. Tais denominações dão conta da inarredável pulsão que habita o ser humano, homem e mulher, fazendo-o um ser em abertura, sempre insatisfeito, sempre projetando, sempre buscando novos equilíbrios, sempre mergulhando no universo de sua interioridade, sempre fazendo a experiência abraâmica de sair para o desconhecido na busca do novo”<sup>1</sup>

Tal assertiva nos remete aos limites e possibilidades da interpretação subjetiva dos sujeitos na terapia psicanalítica e também a uma reflexão acerca do modo

<sup>1</sup> BOFF, Leonardo. Ética da vida. Ática. SP. 2000.

como a teoria psicanalítica foi inventada, no âmbito maior da construção do conhecimento. São duas questões que destaco nessa empreitada. Qual seria a relação objetivo/subjetivo na análise de nossas demandas? Alias, como nossas demandas são construídas? Quem atribui significados aos nossos olhares sobre nós mesmos? Que modelo de ciência contribui mais apropriadamente para entender tal relação? Seria a psicanálise uma ciência?

Fruto de um contexto histórico-científico particular de fins do século XIX e início do século XX, a psicanálise inscreve-se no esforço pela produção de um metarrelato com pretensões de interpretação da condição humana, uma pretensão racionalista embebida do espírito iluminista.

Da mesma maneira como em outras áreas do conhecimento - antropologia, sociologia -, Freud não só busca fundar a psicanálise na leitura evolutiva-biológica pelo empenho em legitimar seu pensamento no espectro científico, mas o faz a partir das condições e possibilidades de entendimento existentes naquele momento. Émile Durkheim, um dos precursores da Sociologia, também vinculava a interpretação da morfologia social – os modelos de sociedade - a partir dos referenciais da biologia e da teoria evolucionista, afirmando que : “um fato social não pode, pois ser acimado de normal para uma espécie social determinada senão em relação com uma fase, igualmente determinada, de seu desenvolvimento.”<sup>2</sup>

Esse padrão científico-objetivista, postulado positivista, cai por terra em muitas circunstâncias e tempos históricos, como o agora vivido, porque elimina a possibilidade de mediações históricas. De certa maneira, tal concepção, muito embora proponha a importância do sujeito, acaba por colocá-lo em condição secundária, objeto de uma análise imparcial e “neutra” dos fenômenos de toda ordem.

Isso foi constatado por Max Weber - e também por outros pensadores - que em sua obra sociológica propõe que é o indivíduo que, por meio dos valores sociais e de sua motivação, produz o sentido da ação social. Isso não significa que cada sujeito possa prever com certeza todas as conseqüências de determinada ação. Não significa também que a análise do social se confunda com a psicológica. Por mais individual que seja o sentido de uma ação, no entanto, o fato de agir levando em consideração o outro dá um caráter social a toda ação humana. Assim, o social só se manifesta em indivíduos, expressando-se sob forma de motivação interna e pessoal.(COSTA, 2000).

Vale, portanto, a tentativa de fugir do “sociologismo” e do “psicologismo” que tudo definem, para refletir sobre a complexidade do humano e de seu conhecimento produzido. Talvez Freud tenha caído na armadilha do conhecimento dito científico, pois ao querer romper com os padrões de análise sobre o sujeito de sua época, acabou dando um caráter “cientificista” à sua teoria, que ainda hoje acaba sendo vista por alguns como fórmula definidora da impossibilidade de comunicação entre os sujeitos, um determinismo do inconsciente.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> DURKEIM, E. As regras do método sociológico.1895.

<sup>3</sup> AIDAR PRADO, J.L. Brecha na comunicação: Habermas, Lacan e o outro. Kacker/PUC-SP.1996.

É sabido da tirania de Freud com relação aos seus discípulos, alguns chegando ao suicídio, devido ao fato de seu mestre, apesar de ter rompido com a idéia do viver sob a tutela do “grande outro”, acabou por se tornar ele mesmo, esse “outro primordial”. Suas relações conflituosas com Jung não nos deixam pecar por calúnia. O filme de John Huston, cuja versão em português denominou-se “Freud – além da alma”, apresenta o pensador como alguém que aparece para “desvendar a verdade”. O roteiro original, escrito por Sartre, foi substituído posteriormente pela versão apresentada, um Freud “descobridor” da verdade científica acerca do nosso psiquismo. Hoje, verificamos uma euforia pós-modernista em outra direção, exatamente oposta ao “tudo saber”, que é o “nada saber”, o “tudo representado” e o “pouco pensado” universalmente.

Negar a possibilidade de comunicação numa perspectiva intersubjetivista é incorrer numa irracionalidade, mesmo quando quem o propõe vale-se de um metarrelato, a teoria psicanalítica. Evidentemente, não faz sentido colocar o analista no lugar do “suposto saber”, assim como também não faz sentido negar a validade do discurso universalista, incorrendo nos fragmentários apologismos da individualidade. Habermas utiliza um termo interessante para se referir à filosofia nas suas relações com as demais áreas do conhecimento, ela seria uma “guardadora de lugar”. Nem um saber em última instância, nem um racionalismo fragmentário, uma guardadora de lugar no espectro da hermenêutica. O mesmo deveria valer para as demais áreas do conhecimento e para as teorias particulares em cada uma delas.

Instrumentalizada para diversos fins, a razão ocidental, recaiu num modelo descritivo-linear não complexo, segundo palavras de vários pensadores, entre eles um dos pais do chamado “pensamento complexo”, o filósofo francês Edgar Morin.

Como analisar, então, a relação entre o coletivo e o individual? Em que pé fica a teoria psicanalítica frente a essa dupla condição humana? Há boas razões para tomarmos como válidos os postulados da psicanálise, especialmente porque se insere numa lógica da não-negação do sujeito, mesmo que Freud tenha no início da formulação de sua teoria, sido acometido pelo objetivismo científico. É possível constatar uma guinada em sua trajetória intelectual para uma análise mais aberta na leitura da condição humana. Constata o peso das determinações sociais em sua anulação do indivíduo, como ao descrever o papel dos estados autoritários e do modelo de sociedade forjado no contexto da passagem do século XIX para o século XX.

Muitas vertentes posteriores, no campo da produção do saber sociológico e também na psicanálise, intensificaram os debates acerca do perigo do reduativismo científico. No marxismo, por exemplo, especialmente a historiografia inglesa, se propõe que há um termo ausente na teoria original, a “experiência” dos sujeitos em seus modos de vida cotidianos - freqüentemente relegados a segundo plano pelos metarrelatos -. Isso também pode ser constatado na filosofia, por exemplo, pela análise que Michel Foucault faz das relações de poder, em sua obra “Microfísica do poder”. Esse autor é utilizado, inclusive como fonte de sustentação teórica para o

desconstrucionismo promovido na psicanálise por Deleuze, Guattari e outros autores. Mas este autor sempre demonstrou um soberano desprezo pela objetividade do saber e da ciência, o que levou muitos de seus seguidores ao desconstrucionismo teórico-científico e ao espírito da “pós-modernidade”, que tudo centra no sujeito individual.<sup>4</sup>

Na construção histórica do conhecimento, desde a passagem das leituras mitológicas para a produção racionalista filosófica, às escorregadelas da metafísica teológica até ao modelo científico proposto pela modernidade, constatamos um “resvalar” em posições ora essencialistas, ora objetivistas. Nunca faltou o empenho pela análise da condição humana, expressa na fala de Sócrates: “conhece-te a ti mesmo”.

O grande drama contemporâneo, relativo ao saber dito “científico”, centrou-se na pretensão do “tudo saber”, dando origem a diversos modelos teóricos redutivistas: positivismo, idealismo, etc. No século XX, especialmente a partir dos anos 80, várias vertentes de pensamento se colocaram a questão do relativismo científico, algumas recaindo no puro descrédito racionalista - a morte da razão -, como os pós-modernos. Outros, no entanto, pretendem um resgate da razão, frente às amarras de sua instrumentalização capitalista, como os filósofos chamados de neomodernos, como Habermas. Para tanto, assumiram a tarefa de imaginar possibilidades de conciliação entre as aspirações subjetivistas e uma validação de princípios racionais pela via da comunicação, levando em conta a grande contribuição dada pela psicanálise. Nem tanto o céu, nem tanto a terra.

Mas, é preciso atenção, conforme nos alerta SEVERINO (2002): “O espírito humano insiste em compreender a especificidade da existência para torna-la cada vez mais plena. Mas essa característica não é clara e distinta na atividade consciente, como se decorresse de alguma iluminação ou evidência imediata. Daí a facilidade com que a subjetividade, no confronto com a opacidade do mundo objetivo, cai em armadilhas próprias e se perde em ilusões. A atividade consciente é constantemente ameaçada pelo viés ideológico e pela auto-alienação.”<sup>5</sup> Trata-se do risco de, frente às armadilhas da objetivação, recairmos num relativismo subjetivista sem leituras ampliadas sobre a realidade. E continua: “Assim, explicar/compreender é integrar nexos que vinculam elementos da realidade experienciada no processo vital, empregando os recursos da subjetividade. Conhecer é ter claros esses nexos, é se apropriar, no íntimo da consciência subjetiva, desse sentido.”<sup>6</sup> E ainda: “É preciso discutir de que forma mecanismos, biológicos ou informáticos, são capazes de “dizer” determinado sentido a um sujeito. Além dos problemas de atribuição de sentido, presente no conhecimento e nas atividades subjetivas em geral, impõe-se a difícil questão sobre como o sistema produz metacognição, o saber que se sabe.”<sup>7</sup>

<sup>4</sup> ROUANET, S. P. As razões do iluminismo. Cia das Letras. SP.1987.

<sup>5</sup> SEVERINO, A. J. Educação, sujeito e história. Olho D'água, 2002.

<sup>6</sup> Idem, ibidem.

<sup>7</sup> Idem, ibidem.

O autor nos propõe uma dupla preocupação: aquela relacionada à importância do viés subjetivo na leitura de mundo e outra, relacionada à necessidade de um saber geral, tão importante frente às armadilhas da subjetividade, especialmente diante do risco ideológico, que pode passar, inclusive, pelo discurso científico.

Assim, fica a idéia que: "...a existência humana é mediada e só se realiza através de ações concretas. Tal compreensão contrapõe-se àquela que funda esse existir numa essência metafísica ou numa natureza física, categorias que demarcam condições previamente definidas. A especificidade humana só pode ser captada nessas mediações históricas. Embora a apreensão se realize pelo conhecimento, todas as mediações se expressam como atividades práticas. Mesmo que se fale, ainda que metaforicamente, em essência humana, esta não vem pronta, mas só se elabora mediante as atividades relacionadas ao trabalho, à sociabilidade e à cultura." <sup>8</sup>

As possibilidades estão dadas, o cuidado para não ceder às nossas criações racionais, nossos modelos científicos, já eram percebidas por Freud quando disse: "As criações humanas são de fácil destruição. A ciência e a técnica que as construíram podem ser aplicadas também no seu aniquilamento". <sup>9</sup> Por outro lado, urge recuperar o sentido de uma certa racionalidade perdida em nossas relações, forjada em outros patamares de saber, um saber que se processa na comunicação propositiva, a despeito dos supostos determinismos do inconsciente, para repensarmos inclusive nossos valores.

Continua nossa busca incessante por sentidos possíveis, sonhos de felicidade que, finalmente, podemos perceber em duas formas. A primeira, refere-se ao papel da poesia e da arte como mecanismos de dizer o não-dito, ou o mal-dito:

Por tanto amor  
Por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz  
Manso ou feroz  
Eu, caçador de mim  
Preso a canções  
Entregue a paixões  
Que nunca tiveram fim  
Vou descobrir  
O que me faz sentir  
Eu, caçador de mim  
Nada a temer  
Senão o correr da luta  
Nada a fazer  
Se não esquecer o medo

---

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>9</sup> Freud, *vida e pensamentos*. Martin Claret. SP.

Abrir o peito à força  
Numa procura  
Fugir às armadilhas  
Da mata escura  
Longe se vai  
Sonhando demais  
Mas onde se chega assim ?  
Vou descobrir  
O que me faz sentir  
Eu, caçador de mim <sup>10</sup>

A segunda, relacionada à anterior, está expressa na fala de Freud: “A felicidade é a realização tardia de um desejo pré-histórico.” O sentido ético dessa proposta é a recuperação do horizonte utópico da felicidade possível - ou talvez impossível para alguns -, aquela que é fruto de escolhas conscientes, mediatizadas pela comunicação com os outros.

### **Referências Bibliográficas:**

AIDAR PRADO, J.L. *Brecha na comunicação: Habermas, Lacan e o outro*. São Paulo: Hacker/PUC-SP, 1996.

COSTA, M. C. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 2000.

HABERMAS, J. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROUANET, S.P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SEVERINO, A.J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho D'água, 2002.

---

<sup>10</sup> SÁ, Luiz Carlos. e MAGRÃO, Sérgio. Caçador de mim.